

A TRAMA (IN)VISÍVEL DA VIDA SOCIAL

comunicação, sentido e realidade

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS

Álvaro Nunes Larangeira – UTP

Carla Rodrigues – PUC-RJ

Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS

Erick Felinto – UERJ

Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP

J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM

João Freire Filho – UFRJ

Juremir Machado da Silva – PUCRS

Michel Maffesoli – Paris V

Muniz Sodré – UFRJ

Philippe Joron – Montpellier III

Pierre le Quéau – Grenoble

Renato Janine Ribeiro – USP

Sandra Mara Corazza – UFRGS

Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS

EDUARDO ANDRÉS VIZER

**A TRAMA (IN)VISÍVEL
DA VIDA SOCIAL**

comunicação, sentido e realidade



Editora Sulina

© Eduardo Vizer, 2011

Título original: *La trama (in)visible de la vida social (2006)*

Capa: Vitor Hugo Turuga

Projeto gráfico: FOSFOROGRÁFICO/Clo Sbardelotto

Editoração: Clo Sbardelotto

Tradução: Fabrízia Reginato

Revisão técnica: Helenice Carvalho

Revisão: Patrícia Aragão e Mariane Farias

Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Gomes

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

V864t Vizer, Eduardo Andrés

A trama (in)visível da vida social: comunicação, sentido e realidade/Eduardo Andrés Vizer. – Porto Alegre: Sulina, 2011. 286 p.

Título original: *La trama (in)visible de la vida social (2006)*

ISBN: 978-85-205-0595-3

1. Teoria da Comunicação. 2. Comunicação Social. 3. Meios de Informação. I. Título.

CDU: 007

CDD: 302.2

A grafia desta obra está atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 – conj. 101

CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3311-4082 Fax: (51) 3264-4194

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Fevereiro / 2011

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

DEDICATÓRIA

Ao sempre presente Andrés;
a Natalia, Marina, Ámbar, Darío e Serena;
para Helenice, parceira da vida.

RECONHECIMENTOS

A uma inumerável série de autores que me ensinaram a pensar. Desde os antigos aos modernos (dos denegridos sofistas aos cientistas e pensadores críticos). A meus professores e colegas, a meus colaboradores de Cátedra (companheiros de rotas sempre incertas) e ao desafio constante dos alunos.

À(s) universidade(s), especialmente a de Buenos Aires, porque – como a ave Fênix – ressuscitaram e sustentaram, ao longo de tempos trágicos para a América Latina, um dos poucos espaços institucionais capazes de promover uma estimulação permanente e uma reflexão profunda e crítica sobre as realidades de nosso tempo.

Às universidades brasileiras que me acolheram várias vezes como palestrante, e como Professor Visitante entre 2003 e 2007 nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Unisinos e UFRGS). Agradeço em especial aos organismos públicos brasileiros de fomento à pesquisa CAPES e CNPq, que tornaram possível minha vida acadêmica nesses anos, bem como a convivência com muitos dos pesquisadores brasileiros que tive a oportunidade de conhecer e que me possibilitaram compartilhar frutíferos intercâmbios intelectuais e afetivos cujos momentos são inesquecíveis.

Aos amigos e colegas que tiveram a paciência de ler, opinar, escutar – e criticar muito pouco – algumas ideias e capítulos originais do livro: Jesús Martín-Barbero, Michael Morgan, Immanuel Wallerstein (por “Open the Social Sciences”), Briankle Chang (por “Deconstructing Communication”), e a meus “sofridos” compatriotas Gustavo Cimadevilla, Stella Filpo, Cristina Reigadas, Beatriz Dillon.

Aos humildes que me ensinaram o valor e o sentido da resistência, e a resistência dos valores ante o sem sentido.

SUMÁRIO

PREFÁCIO DA EDIÇÃO ARGENTINA	11
<i>Jesús Martín-Barbero</i>	
PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA	15
<i>Antônio Fausto Neto</i>	
INTRODUÇÃO	17
1. Se as respostas falham, volte às perguntas!	25
2. As crenças e a vida social	26
3. A procura dos sentidos dos paradigmas históricos da comunicação entre as conversações na pólis e “A voz de Deus na montanha” (a palavra da fé)	31
4. Domínios de sentido, domínios de realidade (domínios do imaginário?)...	37
5. Etapas fundacionais da História e os imaginários da Ciência	42
Cap. I – CONSTRUINDO DOMÍNIOS DE CONHECIMENTO	53
1. As Ciências Sociais constroem seus próprios objetos de estudo	53
2. Termos teóricos e metáforas	56
3. A realidade desrealizada (à procura da realidade perdida)	60
Cap. II – EXISTE A COMUNICAÇÃO?	67
Cap. III – PENSAR A COMUNICAÇÃO	82
1. A Ciência difusa? (the blurred Science?)	82
2. Começando pelo começo (ou seja, a História)	87
3. Perspectivas ontológicas e epistemológicas	91
4. O “lugar” da comunicação	96
5. Comunicação e sociedade: unidade e quebra dos domínios de sentido.....	101
6. Comunicação: disciplina ou transdisciplina?.....	105
7. Explorando estratégias	111
8. Topologias socioculturais?	117
9. Conclusões inconclusas	124

Cap. IV – “RAÍZES” DA COMUNICAÇÃO: MUNDO DA VIDA E PRÁXIS SOCIAL. APORTES A UMA ONTOLOGIA DA COMUNICAÇÃO.....	127
1. Abordagens do mundo social	135
1.1. Para que uma hermenêutica da vida social?	140
2. Mundo da vida e ação social	149
2.1. Mundo da vida e domínios de realidade	159
3. A dimensão cultural	168
3.1. O domínio do sujeito: corpo e psique. O modelo “ator-observador”	173
3.2. O domínio físico-natural	179
3.3. A dimensão tecnológica: um novo domínio?	182
3.4. O “domínio” transcendental	190
4. Tramas (In)visíveis, comunicação e realidade(S)	190
5. Conclusão: um dispositivo pode ser um analisador social	207
6. O dispositivo analisador em ação (pesquisa-ação, diagnóstico e intervenção social)	213
Cap. V – PESQUISA-AÇÃO: CONTRIBUIÇÕES E REFLEXÕES	219
1. Pesquisa-Ação, comunicação e desenvolvimento social	219
2. O que é a pesquisa-ação?	222
3. A triangulação recursiva na investigação	226
4. Os estudos de comunicação e a P+A	233
5. Antecedentes e consequências históricas: pragmatismo, comunicação e P+A	236
Cap. VI – CAPITAL SOCIAL E/OU “CULTIVO SOCIAL”?	240
1. O “cultivo” da vida social	240
2. As misteriosas lógicas dos processos associativos: Capital Social ou “cultivo social”?	244
3. Cultivo e comunicação e social	250
4. Algumas observações finais sobre o desenvolvimento e a promoção social	253
Cap. VII – CULTURA TECNOLÓGICA: METÁFORAS E REALIDADES	258
1. As grandes transformações	259
2. Redes informáticas comunitárias: uma experiência estratégica	267
3. A metáfora do Capital Social	270
4. Novas metáforas? Cultura tecnológica, ciberculturas etc.	272
5. Solitário e final	276
REFERÊNCIAS	277

PREFÁCIO DA EDIÇÃO ARGENTINA

Um livro como este não pode ser apresentado sem que se deixe explícito nosso lugar como leitor. Meu lugar de leitura se encontra cifrado nesta frase que escrevi em um texto publicado há apenas alguns meses: “A comunicação passou, sem dúvida, a ocupar um lugar estratégico na configuração dos novos modelos de sociedade, mas isso está sendo mal-interpretado por uma tendência crescente nos Estudos Latino-Americanos de Comunicação, devido ao autismo epistêmico que pretende isolar esses estudos das ciências sociais, construindo uma pseudoespecificidade baseada em saberes técnicos, taxionomias psicológicas e estratégias organizacionais. Do que se trata então é de lutar contra o cinismo do pensamento fácil que propaga esse autismo, e para isso necessitamos desenhar o complexo esquema dos mapas indispensáveis que nos permitam compreender a comunicação na multidimensionalidade de seus processos e a transversalidade de seus eixos de análise”.

Minha primeira reação de leitor foi a de mais grata surpresa ao encontrar um livro que, desde a primeira página, tem como projeto pensar “a comunicação como uma fase contemporânea dentro da construção histórica, social e epistemológica das ciências sociais”. Projeto que se carrega de uma envergadura ainda muito maior quando o autor enuncia sua hipótese geral de que a compreensão da comunicação, em uma sociedade de complexidade cultural crescente como a nossa, necessita dar-se como horizonte de conhecimento “nas diferentes esferas ou domínios ontológicos da vida social”, domínios que vão desde o físico-natural e o cultural até o da tecnologia, o da subjetividade e o da transcendência.

Como e por que se escreve hoje um livro sobre comunicação tão à contracorrente da dupla tendência hegemônica: a tecnocrático-disciplinar no campo comunicacional e a acadêmico-especializada dentre as ciências sociais nas quais a comunicação ainda não tem encontrado legitimidade e, muito me-

nos, sua potencialidade plena? As razões apresentadas pelo autor são convincentes. Em nossas empobrecidas e recolonizadas terras, as pretensões dos saberes disciplinarmente especializados não alcançam a apreender senão fragmentos soltos do social, incapazes de serem compreendidas por todas as luzes – e muito menos de poder intervir transformadoramente – as complexas e desconcertantes articulações que enlaçam as mudanças tecnológicas com as lógicas neoliberais e as mutações culturais, as incertezas do trabalho e do conhecimento com os novos regimes público e privado, e as novas figuras da inclusão e da exclusão social. Por que então o que a própria comunicação nos põe a pensar são questões de fundo, o que na cultura anglo-saxônica se denomina “fundamentals”, o que o autor aponta com sua aposta ontológica. Ela é a única perspectiva capaz de nos permitir ver na comunicação um mapa a partir do qual se observam os novos modos de habitar o mundo e as novas, estratégicas, formas de intervenção nele, nas suas catástrofes e nas suas potencialidades. Não é estranho que fora o fundador da “Teoria das catástrofes”, R. Thom, quem – como nos lembra Vizer – soube avistar as encruzilhadas em que se movimenta a produção de conhecimento: os insumos imaginários das ciências alertando-nos de que “os maiores progressos científicos estão ligados a expansões do imaginário”.

A comunicação inserida na história do conhecimento encontra aqui um traço inovador. Parte dos sofistas gregos, que foram os primeiros a modelar um saber comunicável, isto é, o contrário do saber manuseado pelas castas sacerdotais que entesouravam o saber para as elites. Tratava-se do saber retórico e argumentativo, que explorava “os jogos de linguagem”, constituindo-se em um saber que atua, em um duplo sentido de que “faz coisas com palavras” (Austin, Searle) e que se encontra ligado a uma encenação. Tudo o que nos põe frente à evidência daquilo que ocultava o saber sacerdotal secreto e desvelava o saber sofista: o conhecimento é uma construção social. A continuidade desse modo de comunicação será enfrentada dentro da mesma Grécia, em proclamação platônica de que a verdade se encontra “em outra parte” e que a linguagem é uma armadilha tecida de aparências – de sofismos – um mal necessário; e no realismo aristotélico que assume a retórica como parte da Filosofia.

Vizer dá, a partir daí, um salto até a modernidade para reencontrar uma nova figura daquele modo de saber comunicativo no pragmatismo da Escola de Chicago, no começo do século XX: da comunicação como linguagem à comunicação como conduta, como “interação humana carregada de significação” na medida em que não só responde a uma regra, mas é reconhecida pela coletividade e ao mesmo tempo como iniciativa e como rotina, pois o que permeia a

ação humana é o mesmo que tece o laço social: os símbolos como “modelos de expectativas recíprocas” (G. Herbert Mead). A terceira figura de saber comunicativo é a construída nessa outra Escola norte-americana de Palo Alto e constitui a primeira concepção explicitamente transdisciplinar da comunicação: em constante ruptura com seu contemporâneo Shannon – que reduziu a “teoria da comunicação” à engenharia da transmissão, Gregory Bateson propõe estudar a comunicação como o processo socializador por excelência, pois atravessa, integra e articula palavra e gesto, mímica e proxemia, espacialidades e temporalidades, posturas corporais, emoções e intelectualidades. Nascia assim a primeira visão ecológica da comunicação, ou melhor, a visão da comunicação como ecossistema.

Há outro percurso histórico que o autor trata seguindo as figuras da modelização, os modelos de abordagem da comunicação: informacionais cibernéticos, de sociologia crítica, semiolinguísticos, etnometodológicos etc. E, nessa exposição, o que chama a atenção é o permanente esforço por captar o que há de capacidade de abrir ou, pelo contrário, de obstruir a compreensão dos laços profundos que há na comunicação entre linguagem e conduta, entre a dimensão operativo-instrumental e a expressivo-significante.

O que, em última instância, está em jogo na comunicação segundo Vizer é a construção do sentido da vida social, as “relações de sentido”, construídas na vida cotidiana das pessoas, nos relatos do que se serve para reconhecer-se a si mesmo, na conversação dos costumes com os meios de massa. Proposta que não deriva nem para um saber dos saberes gerais, nem para “uma” disciplina específica, mas planta um campo de conhecimento que se baseia em um projeto intelectual capaz, ao mesmo tempo, de construir um horizonte ontológico, de fundamentá-lo epistemologicamente e de projetá-lo socialmente. Processo misterioso o de comunicação, inabordável desde a exterioridade manifesta das mensagens/textos, já que nela “faz sentido” a vida social. Sentido que transborda os significados da linguagem enredada como está na trama dos silêncios e das ações. Insiste Vizer: a comunicação é de natureza paradoxal, já que inevitável e impossível, conjunção e disjunção, específica e transversal: “a comunicação tem a impertinência de ser um processo transversal, um processo de cruzamento de todas as fronteiras e resiste sua delimitação em uma ou outra disciplina”. Pois mais aqui e além do que comunicamos, ou do que quiséssemos comunicar, está a comunicação que nos faz ser ante os demais e ante a nós mesmos.

Este livro cumpre com o que promete desde seu início: integrar o estudo das dimensões ontológicas do comunicar ao traço de um mapa das perspectivas teóricas, e de ambos à análise das condições intelectuais e institucionais do

desempenho nesse campo. Daí a coerência que tem o último trecho ou “a triangulação recursiva da investigação”, com o que se denomina a impossibilidade de investigar a comunicação sem assumir as condições sociais do comunicar e sem projetar sociopoliticamente o conhecimento no mundo da vida das majorias e especialmente dos mais excluídos, incomunicados, desligados. É sintomática a esse respeito a recuperação da quase esquecida ideia de práxis para nomear o fazer investigação, o que ela faz, ou melhor, o que deveria fazer como comunicação no social, o que ela implica de “capital social” posto em rede, tanto ciberespacial como territorial.

Preocupa-me que a verdadeira intenção deste livro seja percebida distorcidamente em algum grau. Primeiro, porque a insistência na dimensão ontológica da comunicação possa ser mal-entendida, confundida com uma espécie de invocação à metafísica para fazer frente à versão hipertecnológica da cultura que hoje predomina; ou, em outras palavras, um salto à frente quando carecemos de horizonte de futuro, ou esse aparece como vazio, como mera repetição do presente. Segundo, preocupa-me que a inserção do estudo da comunicação no campo histórico das ciências sociais resulte, de forma redundante, vulnerável às desconfigurações e desfigurações que hoje apresentam, e que não vejo claramente tematizadas. E, em terceiro lugar, preocupa-me que a reivindicação da pesquisa-ação, no sentido aberto que me parece estratégica, fique excessivamente ligada à experiência metodológico-política, que levou seu nome na América Latina, experiência valiosa, mas com a qual ainda nos falta distância para reinventá-la sem as complicitades e messianismos que a lastraram pesadamente.

Neutralizando essas preocupações, restam a lucidez e a valentia deste livro para registrar dimensões do social e suas problemáticas, já pretensa e pretensiosamente “superadas” pela hegemonia dos saberes tecnomercadológicos. E, vindo de um país desfeito, político e culturalmente e socialmente arrasado como a Argentina, a afirmação esperançada e atuante da dimensão ôntica do comunicar humano é muito mais do que grata.

Jesús Martín-Barbero
Bogotá, janeiro de 2003.

PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

A literatura comunicacional latino-americana ganha um importante e qualificado texto produzido na Argentina por Eduardo Vizer, catedrático na Universidad de Buenos Aires e professor visitante (2003) no programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS, São Leopoldo, docente visitante no PPGCOM da UFRGS e, atualmente, na Universidade de Integração Latino-Americana (UNILA/PR).

La trama (in)visible de la vida social – comunicación, sentido y realidad (La Crujia, Buenos Aires) não se trata de um texto de ocasião, na medida em que não aborda questões temáticas nem se constitui num estudo empírico de práticas midiáticas latino-americanas. É uma obra valiosa, de largo alcance, principalmente em relação ao impacto que terá sobre a qualidade da bibliografia teórica e epistemológica da Comunicação e, particularmente, junto aos grupos de trabalhos e pesquisadores da área, voltados para reflexões dessa natureza.

Sua estrutura é, no fundo, um convite a um programa de estudos de questões que pedem tempo, dedicação e enfrentamento a conceitos, temas e categorias que não estão circunscritas a um determinado âmbito de problemas, mas que atravessam vários territórios. Conhecê-lo requer uma visita cuidadosa aos problemas por ele tematizados, condição para se entender um ponto de vista erudito e consistente sobre a comunicação como conceito complexo e que transcende as fronteiras dos processos midiáticos.

Antônio Fausto Neto
PPGCC/UNISINOS-RS